



Só sei construir janelas e jardins

COLLAGE, *metáfora estética* *de nossa era*

Android. O sistema operacional que hoje pauta, mais ainda que o agora aparentemente arcaico windows, as relações do homem com o mundo não poderia ter um nome mais adequado: andróide. Segundo o bom e velho Aurélio (versão hardware, papel) Andróide = Autômato de forma humana. Termo correlato do ciborgue, também automato, também de forma humana, mas que se refere à fusão entre máquina (Cybernetic) e homem (organism); este sim um personagem que se torna contemporâneo.

A Ficção científica, de Asimov a Blade Runner ou Robocop, criou essa metáfora para o que viríamos a ser, ainda que quase tenham chego lá na previsão. Explico: ao contrário da androgenia robótica da ficção, hoje vivemos uma conexão intensa da nossa rede de significados (e não de nosso corpo) com "A" rede. Ora, se o psicanalista vienense disse com todas as letras que "o Homem tornou-se, por assim dizer, um deus com próteses: bastante magnífico quando coloca todos os seus artefatos", a "divindade" humana não viria da relação deste com suas máquinas? Penso que hoje, ainda mais que na época deste livro de Freud (mal-estar na civilização), esta realidade atualizou-se como real: ainda que não internamente como Clynes e Kline imaginaram em 1960 quando criaram o termo cyborg, hoje vivemos uma simbiose com nossos "gadgets".

Em tempos de google glass e óculos de realidade virtual, poderíamos dizer que vivemos imersos na world wide web por meio de nossa "ciborgia" (ciber-orgia?). A internet se

por Guilherme G. D. Providello

torna cada vez mais uma película semi-opaca que sobrepõe a nossa visão. Aqui chego a um ponto deste texto: nosso contato com a rede na era da informação nos leva a outros sabores e dissabores. Se antes sofríamos com o Blackout, escuridão da falta de informação, hoje vivemos um Whiteout, ofuscação do excesso desta. A cultura se molda, entretanto à essas novas formatações: em tempos em que todo o corpo de conhecimento da espécie parece estar ao alcance de nossas telas de touch-screen, uma estética da cópia se torna evidente cada vez mais. Podemos por exemplo remeter à música, onde os samplers constroem a base das canções por meio da repetição de temas, melodias, retiradas de outras músicas. Música Eletrônica. Funk. Thelonius Monk sendo "citado" pelos Black Eyed Peas, tal qual a academia cita e recita-se numa espiral infinita...

A cópia, segundo o filósofo francês Gilles Deleuze, é passível de ser percebida com duas idéias diferentes: repetição, quando visa a cópia pela cópia ou produção, por meio das "más" cópias, os simulacros platônicos, que no esforço por copiar, se diferenciam do original. "No mundo nada se cria, tudo se transforma" Lavoisier elaborou essa regra à alguns séculos, hoje podemos pensá-la com outros significados.

Acredito que nada nos pode remeter mais à toda essa articulação dos "tempos modernos" do que a colagem, ou collage como batizou Picasso. A colagem nasceu junto ao papel lá por duzentos anos antes do início do calendário cristão, e se refere à criação de obras, em sua maioria visuais, pela união de partes de outras. Deleuze nos falava do bricolage, outra forma que se refere aqui: unir coisas para criar outras. A colagem se evidenciou enquanto possibilidade estética no surrealismo, ainda que poetas japoneses colassem pedaços de papel com texto em seus poemas. Max Ernst foi um dos primeiros expoentes dessa proposta que visa a articulação de elementos retirados de seus contextos para criar novos contextos. Recortes, deslocamentos tal qual a estética freudiana dos sonhos que os surrealistas tanto se inspiraram, permitem que novas mensagens se formem a partir de imagens que vieram de outrem. Vejam, para sermos didáticos, podemos criar uma metáfora: é como a wikipedia (o aurélio versão software?), informações elaboradas por uma multidão de pessoas, contextos, lugares e culturas se articulam na criação de um novo contexto, uma nova obra feita de várias obras, recortadas. Ctrl+C, Ctrl+V, mas com imagens. A colagem em si é um trabalho de metáfora.

Por meio dessa derivação das peças, significados se criam que não remetem aos originais. Tal qual conjugamos os verbos, que se alteram na operação, conjuga-se os significados quando se faz collage. Une-se um esforço consciente do artista em compor com um acaso que as figuras trazem, quase como se ambos, artista e figuras, estivessem se pensando mutuamente. Co-produção.

Ou seja, a colagem é o trabalho de metáfora que pode ser pensado enquanto metáfora da nossa vivência, num mundo em que recorta e cola se tornou parte inerente de nossa forma de pensar, dialogar, exprimir e produzir, graças ao alcance de nossos novos corpos ciborgues no universo de informação que nos apresenta-se.

PS: os comandos Ctrl+C e Ctrl+V foram utilizados 14 vezes durante a elaboração deste texto. O cérebro do escritor, entretanto, recortou e colou multidões de idéias inumeráveis.



A moça que colecionava adeus necessários